

UMA INVESTIGAÇÃO DAS RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS EM UM PANFLETO INSTRUCIONAL ANTI-RACISTA

Carlos José Lírio / UFMG

Introdução

Ao investigar como as orações são articuladas umas às outras por meio de relações específicas para formar complexos oracionais, Halliday (2004) explica que tais complexos são construídos por meio de dois tipos de recursos. Ou seja, no ver desse linguista, existem dois sistemas básicos que determinam como uma oração relaciona-se a outra: um relativo aos graus de interdependência e outro às relações lógico-semânticas.

O sistema que determina os graus de interdependência (taxe) possibilita ao usuário da linguagem produzir dois diferentes tipos de complexos oracionais, um no qual os elementos possuem o mesmo status (parataxe), sendo um o iniciante e o outro o continuante; e outro em que o status entre os elementos é desigual (hipotaxe), pois a relação acontece entre um elemento dependente e o seu dominante. Nas análises das relações de interdependência, as estruturas hipotáticas são representadas por letras gregas e as paratáticas por numerais.

Quanto ao sistema lógico-semântico, Halliday afirma que existe um amplo conjunto de diferentes relações lógico-semânticas, as quais podem ocorrer entre um elemento primário e um secundário de um nexos oracional (par de orações) tanto por parataxe quanto por hipotaxe. No entanto, segundo ele, é possível agrupar todas essas relações em apenas alguns tipos gerais, bastando para tanto tomar por base dois tipos fundamentais de relações: a *expansão* e a *projeção*. A expansão relaciona fenômenos tidos como pertencentes à mesma ordem experiencial, enquanto a projeção relaciona um fenômeno a outro de uma ordem superior da experiência, isto é, a um fenômeno semiótico: aquilo que as pessoas pensam e dizem.

Na projeção, a oração secundária é projetada por meio da oração primária, que a instaura como uma locução, que é simbolizada por aspas duplas (“”), ou como uma ideia, simbolizada por aspas simples (‘’).

Na expansão, a oração secundária expande a oração primária por meio de três operações distintas:

- a) *elaboração* (relação de equivalência), simbolizada pelo sinal de igualdade (=);
- b) *extensão* (relação de adição), simbolizada pelo sinal de adição (+);
- c) *intensificação* (relação de desenvolvimento), simbolizada pelo sinal de multiplicação (×).

Halliday (2004) também aponta a existência de expansões encaixadas, as quais podem ser realizadas por orações e simbolizadas por colchetes duplos [[]], ou por sintagmas e, neste caso, representadas por colchetes simples []. Segundo ele, o encaixamento é a “mudança de nível” pela qual uma oração ou sintagma passa a funcionar no interior da estrutura de um grupo, podendo funcionar também como Núcleo de um grupo nominal ou como pós-modificador em um grupo adverbial.

O enfoque sistêmico-funcional que Halliday (2004) lança sobre os complexos oracionais, resumidamente apresentado nos parágrafos anteriores, é o ponto de partida do estudo ora empreendido, porque este tem como principal objetivo analisar, a partir do referido instrumental teórico, as relações lógico-semânticas que ocorrem entre as orações de um “panfleto anti-racista” para, em seguida, articular essa análise sistêmico-funcional à noção sociológica de contexto cultural proposta por Meurer (2004), numa tentativa de explicitar como o aspecto lógico-semântico do texto em questão é, em certa medida, uma decorrência da limitação do que denomino “recursos discursivos” e está relacionado às prescrições de papéis sugeridas por Meurer (Ibid.).

1. Análise das relações lógico-semânticas das orações

Apresento, a seguir, um quadro com a análise das orações, no que concerne aos sistemas tático e lógico-semântico das orações do panfleto¹.

Eixo tático e lógico-semântico		Orações
1	Primeira oração	ATITUDES IMPORTANTES
[[]]	Oração finita relativa	QUE DEVEM SER TOMADAS:

¹ O texto *corpus* da análise está anexo ao final do artigo.

	encaixada no grupo nominal que funciona como complemento, pós-modificador do substantivo 'atitudes importantes'	
=2 α	Oração paratática de expansão por elaboração apositiva (exemplificação) Oração dominante do nexos hipotático	Não se intimide diante dos crimes de discriminação
$\times \beta$	Oração hipotática de expansão por realce de causa e efeito	pois isso incentiva aqueles (as)
[[]]	Oração finita relativa encaixada no grupo nominal que funciona como Sujeito, pós-modificador do pron. demonstrativo 'aqueles (as)'	que apostam na impunidade.
=2 1	Oração paratática de expansão por elaboração apositiva (exemplificação) Primeira oração do nexos paratático seguinte	Não aceite
+2	Oração paratática de extensão por adição negativa	nem estimule atitudes
[[]] α	Oração finita relativa encaixada no grupo nominal que funciona como complemento, pós-modificador do substantivo 'atitudes' Oração dominante do nexos hipotático	que procuram demonstrar
= β	Oração hipotática de elaboração	que todo (a) negro (a) é um ser inferior (apelidos, piadas, etc.).
=2	Oração paratática de expansão por elaboração apositiva (exemplificação)	Procure fazer os (as) se conscientizarem da sua condição de igualdade como ser humano em todos os sentidos. (sic)
=2 α	Oração paratática de expansão por elaboração apositiva (exemplificação) Oração dominante do nexos hipotático	Procurar conscientizar a todos(as)
= β	Oração hipotática de elaboração	que a luta contra a discriminação racial é de toda a sociedade e não só da raça negra. (sic)
=2 1	Oração paratática de expansão por elaboração apositiva	Faça

	(exemplificação)	
	Primeira oração do nexo paratático seguinte	
+2	Oração paratática de extensão por alternância	ou estimule reflexões sobre a discriminação de toda a natureza e seus efeitos em qualquer ambiente, principalmente na escola. (sic)
=2 1	Oração paratática de expansão por elaboração apositiva (exemplificação)	Discutir
	Primeira oração do nexo paratático seguinte	
+2	Oração paratática de extensão por adição positiva	e colocar a importância do povo negro na construção do nosso país.
=2 1 α	Oração paratática de expansão por elaboração apositiva (exemplificação)	Engajar-se nos movimentos contra a discriminação de toda a natureza
	Primeira oração do nexo paratático seguinte	
	Oração dominante do nexo hipotático	
$\times\beta$	Oração hipotática não-finita de intens. por realce de finalidade	para ajudar no combate contra essa chaga social
+2	Oração paratática de extensão por adição positiva	e no caminho de uma sociedade mas justa e igualitária. (sic)
α	Oração dominante	Por fim, esperamos
= β α	Oração hipotática relativa não-definida de elaboração	que o nosso trabalho contribua
	Oração dominante	
$\times\beta$	Oração hipotática não-finita de intens. por realce de finalidade	para o alcance pleno de direitos de todos aqueles
[[]]	Oração finita relativa encaixada funcionando como pós-modificador do grupo nominal “todos (as) aqueles (as)”	que sofrerem atos de racismo, preconceito ou discriminação racial,
$\times\beta$ α	Oração hipotática de realce de finalidade	como também, para que sirva de instrumento de orientação e discussão na sociedade,
	Oração dominante	
+ β	Oração hipotática não-finita de extensão por realce	impulsionando cada vez mais a busca de uma convivência digna e justa entre todas as raças.

QUADRO COM ANÁLISE DAS ORAÇÕES

2. Considerações acerca das relações lógico-semânticas explicitadas na análise das orações

Início as considerações sobre as relações lógico-semânticas entre as orações que constituem o texto *corpus* lembrando que, tal como a própria análise há pouco realizada, estas também pressupõem que as

afirmações de Halliday (2004) acerca dos complexos oracionais no inglês são válidas, igualmente, para o português. Assim, neste artigo, algumas das constatações lógico-semânticas tidas como relevantes para os objetivos pretendidos são, sobretudo, as seguintes:

A) COMPLETA AUSÊNCIA DE RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS DE PROJEÇÃO:

- Pode ser explicada, mas não totalmente, pelo fato de o texto ser instrucional ou, segundo Halliday (2004), um texto procedimental.

B) PRESENÇA SIGNIFICATIVA DE ORAÇÕES PARATÁTICAS DE EXPANSÃO POR ELABORAÇÃO APOSITIVA (EXEMPLIFICAÇÃO)

- Também remete à natureza procedimental do texto, sendo significativa a demarcação do desencadeamento inicial dos complexos paratáticos por meio do uso dos dois pontos (:) em “ATITUDES IMPORTANTES QUE DEVEM SER TOMADAS:” (Cf. HALLIDAY, 2004, p.399).

C) PRESENÇA DE ORAÇÕES HIPOTÁTICAS DE EXPANSÃO POR ELABORAÇÃO (SEMELHANTE À CLARIFICAÇÃO PARATÁTICA)

- Conforme Halliday (2004), para caracterização e interpretação de algum aspecto da oração dominante, funcionando, portanto, como comentário explanatório.

D) PRESENÇA DE ORAÇÕES HIPOTÁTICAS DE EXPANSÃO POR INTENSIFICAÇÃO (REALCE DE FINALIDADE)

- Conforme Halliday (2004), para enfatizar propósitos contidos nos significados das orações dominantes.

3. A lexicogramática do texto, o contexto e a educação das relações étnico-raciais

Segundo Eggins (2004, p.256):

Sempre que há escolha, há significado. [...] os sistemas de complexos oracionais suprem os usuários com recursos estruturais para construir conexões lógicas entre eventos da experiência. Esse sistema de significado lógico funciona paralelamente ao sistema de Transitividade. Juntas, as funções lógica e experiencial permitem que expressemos significados ideacionais e, assim, transformemos a vida em texto. (minha tradução)

Essa afirmação de Eggins, a meu ver, aponta diretamente para a de Meurer (2004), à qual artigo para situar e complementar, sob uma perspectiva mais ampla, as considerações sobre as relações lógico-semânticas das orações há pouco analisadas, a saber:

[...] em análises de textos realizadas com base na LSF, todos os significados têm uma conexão direta com o contexto social – “acima” e, também, uma conexão direta com os elementos lexicogramaticais – “abaixo”. Na LSF, portanto, não se analisa um texto unicamente em termos dos elementos lexicogramaticais. Ao invés disso, cada significado deve ser relacionado simultaneamente a rotinas sociais e a formas lingüísticas. (MEURER, 2004, p. 134)

O autor da citação acima afirma, embasado em Halliday (1978), que as implicações do contexto para a análise do uso da linguagem são cruciais. Por isso, propõe a adoção de determinadas noções sociológicas para uma contextualização mais ampla da análise textual. Assim, Meurer (2004) sugere, com base em Giddens (1979, 1984), utilizar as seguintes noções sociológicas: *práticas sociais*, *prescrições de papéis*, *regras e recursos* para, por meio delas, descrever e explicar a interdependência entre textos e os contextos culturais em que são produzidos. Então, neste trabalho, procuro fazer uso dessas noções para alçar as constatações lógico-semânticas a um patamar crítico discursivo.

Nesse sentido, adoto o princípio de que práticas sociais são, basicamente,

[...] modos habituais, ligados a perspectivas temporais e espaciais específicas, em que os indivíduos aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agir em conjunto no mundo [sendo, portanto] [...] “constituídas ao longo da vida social – nos domínios especializados da economia e da política, por exemplo, mas também no domínio da cultura, incluindo a vida do dia-a-dia.” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p.21 apud MEURER, 2004, p.138)

Desse modo, pode-se, como Meurer, concordar com os autores dessa citação e aceitar o fato de que a consideração das práticas sociais é relevante para a análise da ação humana, na qual se inclui o uso de textos, pois estas realizam a mediação entre estruturas sociais abstratas e eventos concretos. E, por conseguinte, é possível considerar que toda prática social é dependente de prescrições remissivas a papéis/identidades sociais e estruturas sociais mais amplas constituídas de regras/recursos.

No que se refere às prescrições de papéis, Meurer (2004), ainda embasado em Giddens (1979), afirma que estas podem ser definidas em função de prerrogativas e obrigações remissivas a determinadas identidades sociais, as quais, por seu turno, são categorizadas ou tipificadas com base em um ou mais critérios sociais definitivos, dentre os quais se encontra o de grupo étnico.

A consideração de um grupo étnico afro-centrado (afro-brasileiro ou negro) como critério caracterizador é relevante para este trabalho em função das identidades explicitadas no texto *corpus* da análise: “Grupo Cultural Adimó”; “aqueles (as) que apostam na impunidade”; “todo (a) negro (a)”; “um ser inferior”; “ser humano”; “toda a sociedade”; “raça negra”; “povo negro”; “nosso país”; “sociedade mas justa”; “todos aqueles que sofrerem atos de racismo, preconceito ou discriminação racial”; “todas as raças”. A adoção desse critério também é relevante em virtude das condições de produção e consumo do texto, as quais, por sua vez, remetem ao contexto cultural, acerca do qual Gomes (2007, p.98-9) fornece detalhes significativos para este trabalho:

Mas em que contexto histórico, social, cultural e político as identidades negras se constroem no Brasil? Trata-se de um contexto peculiar marcado por séculos de escravidão, pela colonização e dominação político-cultural de grupos sociais e étnico-raciais específicos, pela resistência negra à escravidão, por um processo de abolição tenso e negociado de várias maneiras, pela instauração de uma república que não considerou de maneira adequada a necessidade de integração da população negra e liberta, pelos processos autoritários e golpes que marcaram a vida republicana, pela luta dos movimentos sociais, pela retomada da democracia nos anos 80 e pela luta em prol da democratização do Estado e da sociedade atual, ambos marcados pelo neoliberalismo e pela globalização capitalista. (grifo nosso)

Além dessas características contextuais há, ainda, outro dado informado por Gomes (2007, p.104) e que precisa ser levado em conta neste estudo: o “[...] mito da democracia racial (igualdade que apaga as diferenças) [...]”. A idéia de democracia racial permite compreender por que, ao longo de décadas, a crença na inexistência de discriminação e preconceito étnico-racial, na sociedade brasileira, constrangeu tão fortemente as alegações contrárias a ponto de inibir e atrofiar quaisquer mecanismos de ação (sobretudo discursiva) que os tomassem em consideração. Assim, no texto *corpus* da análise, a completa ausência de relações lógico-semânticas de projeção dever-se-ia à seguinte dificuldade: como instruir alguém a (re)agir verbalmente em situações que, via de regra, eram dissimuladas ou negadas. Ou seja, a ausência de relações de projeção (ou preferência pela expansão), no texto, remeteria à ausência mesma da prática do dizer. Dessa forma, a opção por construir orações em torno de processos não pertencentes à categoria dos mentais ou verbais representa uma postura mais coletiva, em nome do grupo étnico, que individual, como membro desse grupo (Ex: *Engajar-se* nos movimentos contra a discriminação de toda a natureza).

A reflexão sobre essas escolhas lexicogramaticais, a meu ver, aponta tanto para a relevância da inserção de um componente de ‘consciência linguística crítica’ (CLC) (cf. FAIRCLOUGH, 1992) na educação das relações étnico-raciais, quanto para a importância dessa modalidade, ainda recente no sistema de ensino brasileiro, e, sobretudo, para o papel do Movimento Negro.

Enquanto sujeito político, esse movimento produz discursos, re-ordena enunciados, nomeia aspirações difusas ou as articula, possibilitando aos indivíduos que dele fazem parte reconhecerem-se nesses novos significados. Abre-se espaço para interpretações

antagônicas, nomeação de conflitos, mudança no sentido das palavras e das práticas, instaurando novos significados e novas ações. (GOMES, 2007, p.104-5) (grifo nosso)

Portanto, o grupo étnico como critério relativo à prescrição de papéis é fundamental, neste estudo, para o entendimento das escolhas lógico-semânticas geradoras do texto e do potencial de agentividade (poder para agir) (cf. MEURER, 2004) que caracteriza as identidades que nele emergem.

Já no que se refere às regras, Meurer (2004) explica que elas envolvem elementos normativos (regulativos) concernentes à legitimidade e sanções positivas ou negativas às formas de conduta social, que podem ser tácitas ou conscientes. Assim, com Giddens (1979), ele afirma que saber uma regra é saber como proceder. Isso enseja ressaltar o caráter procedimental do texto *corpus* da análise, em termos de educação das relações étnico-raciais, que se reflete nos complexos oracionais paratáticos e hipotáticos, instauradores simultâneos de regras e sanções, como em ||| Não aceite || nem estimule atitudes [[que procuram demonstrar [[que todo (a) negro (a) é um ser inferior (apelidos, piadas, etc.)]]. |||.

Há também códigos de significação, os quais constituem o aspecto semântico (significação) das regras, isto é, os significados discursivos e tácitos que os produtores de textos atribuem às atividades que realizam, às atividades dos outros e aos contextos sociais. Os significados, segundo Meurer (op. cit.), possuem, assim como as regras, propriedades estruturadoras, pois os pensamentos remetem às significações e estas, por seu turno, desencadeiam as ações humanas. Assim, as orações paratáticas de expansão por elaboração apositiva (exemplificação), no texto analisado, constroem os seus produtores como educadores sociais, que realizam a educação informal das relações étnico-raciais, o que é corroborado pelos complexos oracionais hipotáticos finais, marcados, sobretudo, pelas intensificações por realce de finalidade como em ||| Por fim, esperamos [[que o nosso trabalho contribua [[para o alcance pleno de direitos de todos aqueles [[que sofrerem atos de racismo, preconceito ou discriminação racial, como também, [[para que sirva de instrumento de orientação e discussão na sociedade, [[impulsionando cada vez mais a busca de uma convivência digna e justa entre todas as raças.]] |||.

Estas breves observações em torno da estrutura social chegam, finalmente, aos fatores contextuais que considero mais relevantes neste estudo: os recursos como propriedades estruturadoras, isto porque cogito a existência de um terceiro tipo de recursos, o qual, juntamente com os apresentados por Meurer (2004), alocativos (referentes à capacidade para posses materiais) e autoritativos (referentes à coordenação da atividade de agentes humanos), faria parte das propriedades das estruturas, pois seria um subtipo dos alocativos e, portanto, estaria implicado na reprodução da vida social, pois os recursos são *meio e resultado* dos processos de estruturação e sem eles não há poder e nem ação.

Um exemplo de recurso autoritativo, no texto *corpus* da análise, seria o fato de o Grupo Cultural Adimó, responsável por sua produção e distribuição, ser reconhecido em seu contexto social e cultural, inclusive por outros grupos, como um representante dos movimentos sociais negros e congregar indivíduos que, em virtude do pertencimento étnico-racial, realizam ações voltadas para o grupo étnico em questão.

Nesse sentido, como mencionei anteriormente, proponho aqui considerar, também, a existência do que denomino “recursos discursivos”, isto é, recursos que fariam parte dos alocativos², porque remetem especificamente a certas representações de uso da linguagem, representações que envolvem crenças sobre situações e usos linguísticos, e conhecimentos discursivos sem os quais determinadas ações sociais individuais e coletivas podem ser inviabilizadas. O texto *corpus* da análise possibilita, precisamente, relacionar a ausência desses recursos à total ausência de relações lógico-semânticas de projeção. Isso está em consonância com a afirmação de Meurer (2004) de que as estruturas de dominação (políticas, econômicas, teóricas, intelectuais, dentre outras) se articulam aos recursos alocativos e autoritativos que os indivíduos utilizam em função de papéis e identidades nas várias práticas sociais. No entanto, acrescento o fato de que se deve, também, considerar os recursos discursivos necessários e suficientes, pois estes determinam, em grande parte, a capacidade de ação dos indivíduos e/ou dos grupos sociais a que pertencem.

Pode-se afirmar, inclusive, que os recursos discursivos correspondem, em certa medida, às ordens de discurso (cf. FAIRCLOUGH, 2003) e podem envolver, além de significados representacionais (representações através de discursos) específicos sobre a linguagem e seus usos, significados acionais (ações através de gêneros) e identificacionais (identidades através de estilos). Contudo, a limitação de recursos discursivos a que me referi anteriormente relaciona-se, sobretudo, à restrição em termos de significados representacionais e não acionais ou identificacionais, muito embora os três possam estar dialeticamente relacionados. Portanto, é necessário verificar em estudos futuros como se dá a limitação acional e identificacional, e como a lexicogramática dos textos a reflete.

² Agradeço a Anna Elizabeth Balocco pela sugestão de que os recursos discursivos seriam um subtipo dos alocativos.

Conclusão

Minhas considerações finais acerca do estudo que ora se encerra enfatizam, sobretudo, a necessidade de se articular enfoques essencialmente lingüísticos a análises textuais que se pretendem críticas, não apenas como mero exercício teórico e metodológico, mas enquanto um requisito sem o qual não se confere legitimidade a comprometermos sociais e a engajamentos políticos dos quais os intelectuais não podem (e nem devem) se eximir.

Assim, movido por essa demanda científica e social, procurei explicitar o fato de que as relações lógico-semânticas entre as orações que constituem um determinado texto refletem tanto as escolhas de seus produtores, quanto as limitações discursivas que lhes são impostas pelo contexto cultural e social a que pertencem. Se, por um lado, a análise sistêmico-funcional das orações constituintes do panfleto analisado explicitou a total ausência de relações de projeção e a presença significativa de orações paratáticas de expansão por elaboração apositiva (exemplificação), por outro, relacionar tais aspectos a elementos sociológicos do contexto (recursos, regras e papéis), que caracterizam sua estrutura social, e a fatores sócio-históricos que caracterizam a situação dos afro-descendentes no Brasil possibilitou compreender as opções lexicogramaticais como ausência de recursos discursivos.

Por isso, é possível sugerir, com segurança, o instrumental teórico e metodológico da linguística sistêmico-funcional informada por Halliday (2004) e por Eggins (2004), bem como a análise crítica do discurso informada por Fairclough (2003) a todos que se interessam em investigar a abrangência de certas práticas sociais contemporâneas comprometidas com a busca da eliminação de injustiças, pois esses aparatos analíticos revelam-se extremante poderosos, mormente no que concerne à explicitação dos mecanismos discursivos que engendram as referidas práticas.

Quanto à análise aqui realizada, espera-se que esta possa contribuir para futuras reflexões e trabalhos cujo foco seja não apenas e, especificamente, as relações étnico-raciais, mas as relações humanas, nas quais, geralmente, estão envolvidas questões relativas ao discurso e ao poder, mas, também, à busca da solidariedade e da equidade entre as pessoas.

Encerro estas colocações finais destacando, especialmente, a utilização bastante proveitosa, neste trabalho, da proposta de ampliação da noção de contexto de Meurer (2004), pois, se houve profundidade crítica nas análises, esta deve muito à fecundidade das sugestões desse autor, de quem, mais uma vez, tomo emprestadas as palavras para complementar as minhas próprias e ousar dizer: se há possibilidades de luta contra a miséria humana “A linguagem é a ‘arma’.”

Referências bibliográficas

- EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Continuum, 2004.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- _____. (Ed.). *Critical language awareness*. London: Longman, 1992.
- GIDDENS, A. *The constitution of society: Outline of the Theory of Structuration*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- _____. *Central problems in social theory: Action, Structure and Contradiction in Social Analysis*. London: Macmillan, 1979.
- GOMES, N.L. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, N.L. (Org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.97-109.
- HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3 ed. London: Edward Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M.A.K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.
- MEURER, J. L. Ampliando a noção de contexto na Linguística Sistêmico-Funcional e na Análise Crítica do Discurso. *Revista Linguagem em (Dis)curso*. v. 4, n. esp., p. 133-157, 2004.

Anexo

I SEMANA MUNICIPAL DE COMBATE AO RACISMO

DE 13 a 17 de Maio de 2009 - PICOS - PI

ATITUDES IMPORTANTES QUE DEVEM SER TOMADAS:

-Não se intimide diante dos crimes de discriminação, pois isso incentiva aqueles (as) que apostam na impunidade.

-Não aceite nem estimule atitudes que procuram demonstrar que todo (a) negro (a) é um ser inferior (apelidos, piadas, etc).

-Procure fazer os (as) se conscientizarem das sua condição de igualdade como ser humano em todos os sentidos.

-Procurar conscientizar a todos (as) que a luta contra a discriminação racial é de toda a sociedade e não só da raça negra.

-Faça ou estimule reflexões sobre a discriminação racial e seus efeitos em qualquer ambiente, principalmente na escola.

-Discutir e colocar a importância do povo negro na construção do nosso país.

-Engajar-se nos movimentos contra a discriminação de toda a natureza, para ajudar no combate contra essa chaga social e no caminho de uma sociedade mas justa e igualitária.

-Por fim, esperamos que o nosso trabalho contribua para o alcance pleno de direitos de todos (as) aqueles (as) que sofrerem atos de racismo, preconceito ou discriminação racial, como também, para que sirva de instrumento de orientação e discussão na sociedade, impulsionando cada vez mais a busca de uma convivência digna e justa entre todas as raças.

Grupo Cultural Adimó

Rebelando-se Contra o Racismo e a favor da vida